

**MARCELA LINARTEVIS**

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA:  
AÇÃO DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA PREFEITO DJALMA JOHNSON  
EM COLOMBO – PARANÁ**

**COLOMBO  
2013**

MARCELA LINARTEVIS

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA:  
AÇÃO DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA PREFEITO DJALMA JOHNSON EM  
COLOMBO- PARANÁ

Trabalho de conclusão de curso do curso de Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio. Coordenadoria de Integração de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profª Drª Nen Nalú Alves das Mercês

COLOMBO  
2013

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MARCELA LINARTEVIS

### **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA: AÇÃO DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA PREFEITO DJALMA JOHNSON EM COLOMBO- PARANÁ**

Trabalho aprovado como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, do curso de Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, Núcleo de Educação a Distância, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

---

Profª Drª Nen Nalú Alves das Mercês  
Orientadora - Departamento de Enfermagem da  
Universidade Federal do Paraná

---

Profª Mestre Edivane Pedrolo  
Instituto Federal do Paraná

---

Profª Mestre Josiane Ferla  
Instituto Federal do Paraná

Curitiba, 16 de dezembro de 2013.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me acompanha em todos os caminhos. Aos meus pais, irmã, esposo e filha pela paciência e incentivo na realização do meu trabalho. Aos professores que desenvolveram e orientaram as ações, especialmente Professora Dr<sup>a</sup>. Nen Nalú Alves das Mercês.

## RESUMO

**LINARTEVIS, M. Violência contra a mulher: um problema de saúde pública: ação de intervenção na Escola Estadual Prefeito Djalma Johnsson, em Colombo - PR 2013.** XXX f. Monografia [Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio] – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nen Nalú Alves das Mercês.

A violência praticada contra mulheres está entre os maiores medos das mulheres da sociedade atual. As agressões são diversas e em grande maioria praticadas por homens de seu convívio. As conseqüências das agressões podem ser físicas e psicológicas, gerando uma série de problemas de saúde que, por muitas vezes devido a falta de informação, não são tratados, também o medo de novas agressões intimida mulheres a denunciarem. Com a implantação da Lei Maria da Penha, no Brasil a luta pela não violência ganhou força, desde 2006, quando a lei entrou em vigor, o numero de mulheres atendidas e de homens presos ou investigados aumentou consideravelmente. Tendo como base que a informação é o melhor caminho para prevenção e mudança, a intervenção. Trata-se de um trabalho de intervenção, desenvolvido com alunos e familiares do ensino fundamental da Escola Estadual Prefeito Djalma Johnsson, do Município de Colombo – PR, com o objetivo de resgatar valores de respeito às mulheres em escolares do ensino fundamental e informar pais e responsáveis sobre a problemática da violência contra mulheres. As intervenções ocorreram no período de três semanas no mês de setembro e outubro de 2013, com participação de 93 alunos do 9º e 7º ano, e 34 XXX familiares. Foi realizado pesquisas, redações e cartazes. Para integração da família, os trabalhos encerram com uma palestra. Diante dos objetivos traçados. Nos quais o esclarecimento de dúvidas e a divulgação de informações eram fundamentais, a metodologia atendeu o que estava sendo buscado e os resultados foram satisfatórios, tanto entre os alunos quanto com os familiares que apoiaram a prática executada.

**PALAVRAS-CHAVES:** Instituições acadêmicas. Violência contra a mulher. Violência doméstica

## **LISTA DE SIGLAS**

BBC	British Broadcasting Corporation
DH	Delegacia de Homicídios
DST	Doença sexualmente Transmissível
EUA	Estados Unidos da América
IML-SP	Instituto Médico Legal
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Avançada
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPP	Projeto Político Pedagógico
USP	Universidade de São Paulo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	- Taxa de homicídios de mulheres.....	29
Foto 1	- Escola Estadual Prefeito Djalma Johnsson.....	29
Foto 2	- Participantes da palestra.....	29
Foto 3	- Alunos de 9º ano desenvolvendo pesquisas.....	30
Foto 4	- Alunos de 9º ano desenvolvendo pesquisas.....	30
Foto 5	- Alunos de 7º ano escrevendo redações e discutindo..	31
Foto 6	- Cartazes produzidos pelos 9º anos.....	31
Foto 7	- Redações em exposição.....	32
Foto 8	- Palestra .....	32
Foto 9	- Palestra.....	33
Anexo 10	- Link dos Vídeos.....	33

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
3.1 VIOLÊNCIA CONTRA MULHER.....	12
3.2 VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER.....	15
3.3 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO PARANÁ.....	16
3.4 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA PARA A SAÚDE DA MULHER.....	17
3.5 O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	19
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
4.1 LOCAL DA INTERVENÇÃO.....	19
4.2 PARTICIPANTES DA INTERVENÇÃO.....	20
4.3 DESCRIÇÃO DA TRAJETÓRIA DE INTERVENÇÃO.....	21
4.3.1 1º Etapa – Pesquisa, Debates e Redações.....	21
4.3.2 2º Etapa – Reunião e Palestra.....	22
<b>5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>22</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>
<b>8. ANEXOS.....</b>	<b>29</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Os índices de violência crescem a cada ano, a sociedade se depara todos os dias com noticiários alarmantes, são diversas formas de agressões e as consequências para a saúde das vítimas são sérias e em muitos casos para toda a vida.

O impacto que a violência provoca ganhou valorização nos anos 1990, quando a violência foi apontada como um dos fatores geradores de adoecimento, com lesões físicas, psíquicas e morais que implicam em necessidade de atendimento médico. (GRUDTNER, 2005)

A violência contra a mulher é uma das formas de agressão mais freqüentes no Brasil, dados indicam que a cada 15 segundos uma mulher é agredida (DIAS, 2006). Entre os atos mais comuns de violência estão às agressões praticadas por parceiros íntimos. Após a implantação da Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha (SILVA, 2010), o combate e a prevenção contra a violência da mulher vem crescendo. Segundo dados da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres (BBC, 2013), o serviço de atendimento telefônico que oferece orientações para as mulheres vítimas de violência fechou o ano de 2012 com 88.685 relatos de agressão – contra 12.664 há seis anos. No entanto, a falta de informação e apoio ainda impede que muitas mulheres denunciem práticas violentas.

Médicos e especialista em saúde afirmam que as consequências para a saúde de uma mulher agredida são muitas, podendo ser físicas e psicológicas, dependendo da agressão, como sexual, por exemplo, as consequências são para toda vida, como desenvolvimento de doenças ou lesões ginecológicas. (KASHANI E ALLAN, 1998).

O medo também é apontado como uma das principais barreiras para que mulheres violentadas procurem ajuda médica ou judicial, a discriminação por parte da família e da sociedade amedronta em momentos de fragilidade, também há receio de ser novamente agredida em decorrência da denuncia. (TAVARES, 2000).

Sabe-se que a idéia de que a mulher deve ser submissa ao homem vem desde os primórdios e que a aceitação de igualdade de gêneros ainda não é

realidade a todos, conseqüentemente o pensamento autoritário, machista e superior que muitos homens herdaram e mantêm em suas famílias pode ser indicado como fator relevante em agressões sofridas por mulheres (AZEVEDO, 1985).

Desta forma, além de alertar e informar sobre essa questão de grande importância que é a violência contra a mulher, é necessário também que as crianças e adolescentes sejam educados para os novos rumos da sociedade, sabendo respeitar e valorizar a figura feminina.

A escola é um local propício para discussões que possibilitam transformação de opiniões e formação de cidadãos mais críticos e atuantes dentro da sociedade. Dentre os objetivos da Escola Prefeito Djalma Johnsson, local da intervenção, está a preocupação com a formação da cidadania, do resgate de valores e da reflexão sobre o mundo.

Portanto, definiu-se a seguinte questão norteadora de intervenção: como resgatar os valores de respeito às mulheres entre escolares do ensino fundamental para a promoção da saúde?

O problema delimitado e a escolha do objeto de intervenção, resgate dos valores de respeito à mulher, foram motivados primeiro pela relevância do tema: Violência contra a mulher, um problema de saúde pública. O ambiente escolar favorece ações que direcionam para a melhor formação cidadã, desta forma, discussões e desenvolvimento de atividades informativas sobre a violência contra a mulher e as conseqüências à saúde podem contribuir para diminuir o índice de violência e abuso feminino, também a multiplicação de informações através dos alunos envolvidos e também da família integrada a escola.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL:**

Resgatar valores de respeito às mulheres em escolares do ensino fundamental e informar pais e responsáveis sobre a problemática da violência contra mulheres.

## 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Identificar as principais causas e situações de desrespeito à figura feminina;
2. Relacionar as práticas violentas contra mulheres aos diversos fatores sociais, como a submissão à figura masculina.
3. Relacionar práticas violentas a conseqüências para a saúde da mulher, de maneira imediata ou em longo prazo;
4. Conscientizar sobre a importância de combater a violência e o desrespeito à mulher, demonstrando o significado essencial de haver denuncia e o apoio ao trabalho das autoridades competentes;
5. Informar sobre os direitos e conquistas das mulheres, principalmente a Lei Maria da Penha;
6. Debater, junto a pessoas envolvidas em projetos de segurança e de proteção a mulher, estimulando a família e os alunos a pensar sobre o tema.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

A violência vem sendo compreendida como um fenômeno mundial de causalidade múltipla e com consequências previstas para que perpetra, é vítima ou presencia o ato de agressão. Por ser considerado um fenômeno sócio-histórico presente nas diversas faces dos relacionamentos humanos, suas definições guardam uma íntima relação com os valores, a cultura e as formas da sociedade em perceber e tolerar estes atos. Suas noções baseiam-se na tradução da força física ou de poder em atitudes que possam resultar em danos biopsicossociais, bem como de ordem moral ou econômica, contra um ou mais indivíduos. (RAFAEL; MOURA, 2013)

A violência pode ser classificada como um problema multifacetado e de várias tipificações. Não há como determinar um perfil para pessoas vítimas da violência, no entanto, fatores como desigualdades e privações de acesso a serviços básicos como saúde, educação e emprego, estão associados a maior prevalência do problema. (RAFAEL; MOURA, 2013)

#### 3.1. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Nas últimas décadas do século XX, diante das diversas manifestações e reivindicações de movimentos sociais e de mulheres que passaram a denunciar situações vividas em casa, a violência contra as mulheres adquiriu um caráter público, até então, naturalizada pela sociedade como um problema de ordem privada. (GRUDTNER, 2005)

No Brasil, nos últimos 20 anos, segundo o Ministério da Saúde (MS) a violência vem sendo considerada uma das causas mais relevantes nos índices de mortalidade, além de provocar doenças e diversas alterações físicas e emocionais. (BRASIL, 2005).

Milhões de mulheres estão em situação de violência de gênero e sofrem suas consequências. A violência contra a mulher representa uma grave violação aos direitos humanos das mulheres. Segundo Dr. Jefferson Drezett (Violência sexual e aborto, 2012, p.2), “pacientes que sobrevivem aos traumas físicos ou psicológicos gerados por tais violências não merecem ser chamadas de vítimas e sim de sobreviventes”.

As mulheres constituem, pelo menos, metade da população mundial, em algumas faixas etárias, como a de idosos é mais da metade das pessoas. As mulheres, em todo mundo, têm maior expectativa de vida, o que não indica que tenham melhores condições de saúde do que os homens. (LEAL, 2009).

Em 1993, em Viena, na Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, declarou-se que os direitos das mulheres são direitos humanos. (ADEODATO, 2006).

Segundo a Convenção realizada em Belém, no Pará a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, adotada pela Organização dos Estados Americanos (OEA, 1994) a violência contra a mulher é qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada. (ADEODATO, 2006)

Por muito tempo acreditou-se que a violência contra a mulher deveria ser tratada como problema da ordem privada e familiar. Este problema, no Brasil, pode ser visto pela expressão popular “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”.

Um grande empecilho, por muito tempo, para a formulação e execução de programas e políticas que enfrentem o problema da violência contra mulheres é justamente a crença arraigada de que a violência no âmbito doméstico contra mulheres ou meninas era um problema da ordem do privado e familiar. Este problema, no Brasil, pode ser visto na expressão popular em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher. A violência contra a mulher é, na verdade, um problema de saúde pública. No Brasil, uma em cada cinco mulheres (20%) já sofreu algum tipo de violência física, sexual ou outro abuso praticado por um homem. (DIAS, 2006)

Os direitos humanos violados em práticas de agressões contra mulheres vão desde o tráfico, abuso físico e mental, estupro e espancamentos, o que implica em problemas permanentes para a saúde das mulheres.

Dados também alarmantes, referidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2005, indicam que, no Brasil, 29% das mulheres relatam ter sofrido violência física ou sexual pelo menos uma vez na vida; 22% não conseguiram contar a ninguém sobre o ocorrido; e 60% não saíram de casa, nem sequer por uma noite. (DIAS, 2006).

A realidade brasileira revela que uma em cada cinco mulheres considera já ter sofrido alguma vez algum tipo de violência por parte

de algum homem, conhecido ou desconhecido. Estudo de base populacional mediu a ocorrência de violência contra as mulheres no país. Nessa investigação revelou-se que 43% das mulheres declararam ter sofrido violência praticada por um homem na vida; um terço admitiu ter sofrido alguma forma de violência física; 13%, sexual, e 27%, psicológica. (RAFAEL; MOURA, 2013)

Luis Kawaguti da British Broadcasting Corporation (BBC) Brasil em São Paulo, publicou em 08/03/2013 um relato sobre as denúncias de violência contra a mulher, segundo a publicação, em primeiro lugar no ranking das agressões relatadas ao serviço em 2012 está a violência física contra a mulher, com 50.236 casos – o que representa elevação de 433% em relação ao ano de 2006. Logo abaixo no ranking vêm a violência psicológica (24.477 casos) e a violência moral (10.372). Os abusos sexuais representam, por sua vez, 2% dos casos, com 1.686 relatos.(KAWAGUTI, 2013)

QUADRO 1 - TAXA DE HOMICÍDIOS DE MULHERES EM 100 MIL POR UNIDADE FEDERATIVA, 2012.

POSIÇÃO	UNIDADE FEDERAL	TAXA
1º	Espírito Santo	9,4
2º	Alagoas	8,3
3º	Paraná	6,3
4º	Paraíba	6,0
5º	Mato Grosso do Sul	6,0
6º	Pará	6,0
7º	Distrito Federal	5,8
8º	Bahia	5,6
9º	Mato Grosso	5,5
21º	Ceará	3,7
22º	Amazonas	3,7
23º	Santa Catarina	3,6
24º	Maranhão	3,4
25º	Rio de Janeiro	3,2
26º	São Paulo	3,1
27º	Piauí	2,6

Fonte: CEBELA (2012, p 11)

### 3.2 VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER

A procura por atendimento de mulheres que sofrem violência sexual nem sempre é imediato, muitas levam meses ou até anos para tomar iniciativa e procurar ajuda, entre as principais razões está o medo de ameaças feitas pelo agressor, muitas vezes próximo e a vergonha da exposição que poderá sofrer.

Os efeitos emocionais sofridos por uma mulher que viveu agressões sexuais são intensos, devastadores e de difícil recuperação. Dados mostram que, acerca de 18% das sobreviventes tem pensamentos suicidas, muitas mulheres desenvolvem transtornos de sexualidade e psicológicos. (KASHANI E ALLAN, 1998).

No mundo, o número de crimes sexuais chega a 12 milhões de casos. Nos EUA, há 683 mil estupros por ano, em São Paulo há o registro de 42 mil estupros por ano. Infelizmente, apenas 13% das mulheres que chegam Instituto Médico Legal de São Paulo (IML-SP) comprovam o estupro através de análise de material corporal. Entre 28% a 60% das mulheres podem desenvolver DSTs, já a contaminação pelo vírus HIV, segundo literatura específica é de 0,8% a 2,7%. A gravidez também é um risco para as mulheres violentadas, já que segundo estudos, a metade das vítimas está em período fértil. Só nos EUA, há cerca de 32 mil gestações anuais por violência sexual (RENNÓ, 2013)

O Senado brasileiro aprovou no dia 04/07/13 um projeto de Lei que garante atendimento às mulheres vítimas de violência sexual, em toda rede pública de saúde (PORTAL DE NOTÍCIAS, 2013).

Drezett (2013), um dos maiores especialistas no Brasil no tratamento de traumas decorrentes a violência sexual diz que:

Eu acredito que nós já passamos da fase de nos assustar com os números e com a realidade das mulheres que são vítimas de violência sexual no Brasil. Isso não é mais tolerável. O momento propício para criarmos políticas públicas sérias e que virem realidade, que realmente saiam do papel. A mulher precisa chegar ao hospital e ser atendida e não dispensada. Talvez seja isso que o projeto de lei esteja procurando. Se os gestores não têm sensibilidade e compromisso com os direitos humanos das mulheres, que prestem atendimento por força da lei. (PORTAL DR DRAUZIO. 2013 p. 1 ).

### 3.3 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO PARANÁ

O Estado do Paraná tem um crescente índice de violência contra a mulher. Em entrevista ao Jornal Gazeta do Povo, em 2012, o delegado Rubens Recalcatti, chefe da (DH) Delegacia de Homicídios de Curitiba, disse que, para ele, nos últimos dez anos, houve uma mudança drástica no comportamento das mulheres, o que contribui para a multiplicação dos casos. “As mulheres passaram a freqüentar o mundo das drogas e a se relacionar com pessoas erradas. Elas queriam direitos iguais e, quando os conquistaram, não souberam o que fazer. É preciso respeitar as igualdades e desigualdades de cada um”, pontuou o delegado.

Apesar de ter apresentado no primeiro semestre deste ano uma queda de 17% no número de homicídios em comparação com igual período do ano passado, o Paraná ostenta uma situação preocupante quando o assunto é violência contra a mulher. Balanço apresentado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), ontem, revela que o Estado registrou entre 2009 e 2011 uma taxa de 6,49 mortes violentas para cada grupo de 100 mil mulheres, quando a média nacional no período foi de 5,82.

O Paraná ocupa uma posição intermediária no ranking, que tem na parte de cima os estados do Espírito Santo (9,08), Bahia (8,84) e Alagoas (8,54), e na parte de baixo Piauí (2,71), Santa Catarina (3,28) e São Paulo (3,74). Em todo o Brasil, foram registradas no período 18.993 feminicídios (assassinatos de mulheres).

O estudo revela a ocorrência, em média, de 5.664 mortes de mulheres por causas violentas a cada ano, 472 a cada mês, 15,52 a cada dia ou uma a cada hora e meia. Mulheres jovens foram as principais vítimas: 31% estavam na faixa etária de 20 a 29 anos e 23% de 30 a 39 anos. 61% das vítimas eram negras e 29% das mortes ocorreram dentro de casa.

Implantada para minimizar esse preocupante cenário, a Lei Maria da Penha não tem demonstrado a eficácia esperada. O estudo do IPEA constatou que as taxas de mortalidade por 100 mil mulheres foram de 5,28 no período de 2001-2006 (antes) e de 5,22 no período 2007-2011 (depois da vigência da referida lei). Observou-se sutil decréscimo em 2007, quando a taxa caiu a 4,74, mas depois as ocorrências voltaram aos patamares anteriores.

Juntas, as cidades de Cascavel e Foz do Iguaçu já registraram neste ano mais de uma dezena de assassinatos de mulheres. Foram quatro feminicídios em Cascavel e sete em Foz do Iguaçu. O mais recente ocorreu no último domingo, em Foz, quando o marido matou a mulher (uma paraguaia de 29 anos) e em seguida chamou a polícia. (JORNAL O PARANÁ, 2013)



Segundo publicação do Jornal Gazeta do Povo (2013), treze municípios paranaenses, incluindo Curitiba, assinaram um termo de repactuação do Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. O documento indica que estes municípios já cumpriram as metas estabelecidas pelo Governo Federal para a intensificação no atendimento a mulheres vítimas violência.

Com isso, Curitiba, Apucarana, Araucária, Cascavel, Fazenda Rio Grande, Guarapuava, Irati, Londrina, Maringá, Piraquara, Telêmaco Borba, Toledo e União da Vitória poderão receber verbas federais, por meio do programa "Mulher, Viver sem Violência", para manter os projetos na área. As informações são da Secretaria Municipal Extraordinária da Mulher da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Segundo a Prefeitura da capital, a repactuação é feita com os governos federal e estadual, Tribunal de Justiça, Ministério Público e Defensoria e abrange cinco eixos estratégicos: garantia da aplicabilidade da Lei Maria da Penha; ampliação e fortalecimento da rede de serviços para mulheres em situação de violência; garantia da segurança cidadã e acesso à justiça; garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, enfrentamento à exploração sexual e ao tráfico de mulheres; e garantia da autonomia das mulheres em situação de violência e ampliação de direitos. (GAZETA DO POVO, 2013)

### 3.4 CONSEQUENCIAS DA VIOLÊNCIA PARA A SAUDE DA MULHER

As mulheres em situação de violência apresentam a saúde física e mental prejudicadas, são mais lesões e maiores necessidades de serviços de saúde do que as que não sofrem violência. Os impactos sobre a saúde da mulher podem apresenta-se de modo imediato ou a longo prazo. Entretanto, o numero de mulheres que sofrem agressões e buscam tratamento médico para o trauma ou os ferimentos resultante ainda é baixo. (ADEODATO, 2006).

No caso de violência sexual, se o agressor for portador de uma DST (doença sexualmente transmissível) como sífilis, gonorréia, condiloma acuminado, entre outras, é possível evitar que a mulher se contamine utilizando medicamentos específicos, valendo também para outras doenças, no entanto, existem doenças que não podem ser evitadas.

As sobreviventes de atos violentos, muitas vezes, demonstram um comportamento negativo em relação à saúde, fazendo uso de drogas como álcool e cigarro. Como problemas crônicos decorrentes da violência estão, dores de cabeça e nas costas, problemas neurológicos como desmaios e convulsões, distúrbios gastrintestinais e problemas cardíacos.

As mulheres agredidas freqüentemente vivem com medo e apresentam depressão, ansiedade e até mesmo a síndrome do estresse pós-traumático. Um estudo na América do Norte demonstrou que as mulheres agredidas têm três vezes mais probabilidades de apresentar síndrome do estresse pós-traumático do que as que não sofreram abusos. O estudo da OMS em vários países verificou que as mulheres no Peru, Brasil, Tailândia e Japão que haviam sofrido abuso físico ou sexual por parte de seus parceiros tinham duas vezes mais probabilidades de pensarem em suicídio do que as mulheres que não haviam sofrido nenhuma forma de abuso. (PORTAL DR DRAUZIO, 2013, p. 1).

As conseqüências da violência sobre a vida afetiva e sexual da mulher são claramente observadas. Um estudo realizado nos EUA verificou que as mulheres que eram agredidas pelo parceiro apresentavam três vezes mais chances de desenvolverem um problema ginecológico do que mulheres que não haviam sofrido violência (BRASIL, 2005).

No caso de violência sexual, em especial quando há penetração forçada, o trauma é físico e mental, podem ser observados danos à uretra, vagina e ânus, infecções sexualmente transmissíveis, inclusive AIDS.

A violência limita a autonomia sexual feminina, o que leva a um trauma para toda a vida, podendo causar na mulher uma visão negativa em relação ao sexo, o que a coloca em situação difícil na sua vida afetiva e até mesmo materna.

A gravidez, também considerada em casos de violência, como conseqüência, pode levar a mulher a um aborto de risco, gerando sérios problemas à saúde.

### 3.5 O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

O trabalho contínuo de combate a manifestações violentas se dá também na escola. Com sua missão formadora, a instituição escolar promove espaço para que as diferenças sejam acolhidas e respeitadas.

Bourdieu e Passeron (1974) vêem a relação pedagógica como um exercício legítimo de violência institucionalizada. Através de um subtil processo de violência simbólica, a escola inculca nos alunos, como naturais, os códigos valorativos e comportamentais e a “cultura legítima” da classe dominante, garantindo, desse modo, a preservação e a legitimação da ordem social e econômica vigente.

O trabalho com valores, principalmente o respeito à diversidade de gêneros deve ser presente na escola, o que contribui para a formação de alunos com consciência sobre a importância do respeito, incluindo a temática da violência contra a mulher, socialmente integralizada como gênero mais frágil fisicamente.

## 4. METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de intervenção, que se caracteriza por ações informativas e de conscientização.

O período de desenvolvimento do trabalho foi de 17/09/13 a 27/09/13, após apresentação na aula presencial em 18/06/13.

### 4.1 LOCAL DA INTERVENÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Prefeito Djalma Johnsson, de Ensino Fundamental, localizada na Rua Argentina, nº 75, no Bairro Rio Verde, em Colombo, Estado do Paraná. A escola tem como entidade mantenedora o Governo do Estado do Paraná e foi autorizada a funcionar pela Resolução Nº 2821/07, iniciando suas atividades a partir de julho de 2007.

Atualmente conta com seis salas de aulas, atendendo 211 alunos de 6º a 9º ano. São 29 professores e funcionários. (Anexo 1).

A escola tem como filosofia formar e inserir na sociedade indivíduos críticos, aptos e dispostos a transformar a realidade, resgatando valores a ampliando suas perspectivas de vida, conscientes de sua responsabilidade social e ambiental. Dentre os principais objetivos da escola, se enquadram na visão das ações de intervenção, propiciar ao educando caminhos alternativos para resgatar valores e crenças, oportunizar aos educandos a possibilidade de uma comparação entre a sua visão de mundo e a visão que a sociedade espera dele, levar o aluno a um exercício de reflexão e raciocínio e formar um aluno crítico diante dos temas contemporâneos vivenciados pela sociedade. (PPP, 2012 p.18).

A comunidade na qual a escola está inserida é considerada de classe baixa, visto que, cerca de 43% possui renda até um salário mínimo e outros 43% não ultrapassa três salários mínimos. Em relação a moradia, 50% dos alunos possuem casa própria, porém são residências simples com poucos cômodos. O acesso a informação limita-se a televisão e internet, poucos têm em sua rotina a visita em museus, parques e cinemas. A carência afetiva é pressente devido à falta de estrutura familiar, decorrente de abandono principalmente devido à necessidade de trabalho dos familiares. (PPP, 2012, p. 23).

#### 4.2 PARTICIPANTES DA INTERVENÇÃO

Todos os alunos da escola foram envolvidos no projeto, no entanto, os alunos do 9º ano, turmas A, B e C e 7º ano turmas A e B desenvolveram efetivamente as atividades, ficando as outras turmas, 6º e 8º anos apenas com conhecimento e visualização dos resultados. Também participaram da intervenção os pais e responsáveis pelos alunos.

A partir disso, foram 59 alunos do 9º ano, 34 alunos do 7º ano, 34 responsáveis, destes apenas um do gênero masculino, todos os outros eram mães, avós, tias ou mulheres responsáveis pelos alunos, a direção escolar, Professor Geverson, Professora Adriana Andrade e Funcionária Ana Azevedo. (Anexo 2)

Convidados a participar das ações de intervenção, estiveram presentes Professora Maria Micheli Mocelin, vereadora da Câmara Municipal de Colombo e o Cabo Silveira, membro da Patrulha Escolar, subdivisão da Polícia Militar da Paraná.

#### 4.3 DESCRIÇÃO DA TRAJETÓRIA DE INTERVENÇÃO

Inicialmente a proposta foi apresentada a direção escolar, sendo que a mesma, como retorno, demonstrou grande satisfação no desenvolvimento do projeto, já que, durante todo ano letivo a escola busca realizar ações que integram a comunidade e a instituição, também, a Professora Adriana Andrade Marques, regente da disciplina de Língua Portuguesa demonstrou interesse em utilizar o assunto que o projeto enfatiza para a realização de relatórios em suas aulas.

Foram duas etapas de intervenções que, com exceção da reunião e palestra, foram desenvolvidas durante as aulas de ciências.

##### 4.3.1 1ª Etapa: Pesquisa, debates e redações.

Entre os dias 17/09/13 à 27/09/13, 59 alunos do 9º ano, turmas A, B e C desenvolveram a primeira etapa do projeto. Cada uma em seu horário de aula, os alunos foram direcionadas ao laboratório de informática com o objetivo de pesquisarem sobre a violência contra a mulher, orientados a assistirem vídeos disponíveis na internet no canal youtube (Anexo 10), os alunos depararam-se com depoimentos marcantes, reportagens e dados estatísticos. O registro das informações obtidas foi recolhido no final da atividade. (Anexo 3 e 4).

No segundo momento, aproveitando o sentimento de indignação, os alunos foram estimulados a debater e trocar informações. Após as pesquisas e o debate, as produções do 9º ano foram disponibilizadas a 34 alunos do 7º ano, turmas A e B.

Os alunos, após breve discussão e exposição e dados, utilizaram as pesquisas do 9º ano para fundamentar redações produzidas por eles sobre o tema em questão. (Anexo 5)

Com o retorno das pesquisas, os alunos do 9º ano produziram cartazes informativos, expostos no pátio da escola juntamente com as redações do 7º ano. (Anexo 6)

Dando seqüência as atividades, todos os alunos da escola receberam um convite para direcionar aos pais e responsáveis convidando-os a participar de uma reunião.

#### 4.3.2 2ª Etapa: Reunião e Palestra

No dia 03/10/13 às 19h00min iniciou-se o encontro com a presença de 34 responsáveis, na maioria mães, avós e tias, 39 alunos, a Diretora da Escola, Alexandra Walesko, Professor Geverson, funcionária Ana Luiza Silvestre e, convidados Professora Maria Micheli Mocelin, vereadora na Câmara Municipal de Colombo, Cabo Silveira, membro da Patrulha Escolar, subdivisão da Polícia Militar do Paraná.

No primeiro momento da reunião 4 alunos do 9º ano realizaram a leitura de dados pesquisados pelas turmas. Em seguida a Professora Maria Micheli promoveu uma discussão sobre as conseqüências da violência na saúde da mulher. Dando continuidade o Cabo Silveira expôs sobre os tipos de violência e realizou uma dinâmica com a distribuição de bombons aos convidados.

No final foi aberto espaço para depoimentos e opiniões.

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As ações iniciaram em 17/09/13 e encerraram no dia 03/10/13.

Inicialmente, quando apresentado o tempo aos 9º anos, percebeu-se que o tempo que havia estimado deveria ser maior, pois não poderia interromper as discussões entre os alunos, a primeira aula utilizada foi apenas de conversa e exposição de situações relevantes do tema, alguns alunos do 9º ano relataram situações com vizinhos e familiares.

Durante a pesquisa na internet, realizada no laboratório de informática da escola, houve um grande interesse em assistir vídeos com depoimentos de mulheres que passaram por situações de violência. As anotações que os alunos realizaram foram dos pontos que mais chamou atenção, observou-se a

presença de dados estatísticos e de informações sobre a Lei Maria da Penha, também, a listagem de consequências para a saúde de uma mulher agredida.

No primeiro momento do Projeto com o 7º ano, a fala dirigida a eles sobre o tema foi mais cuidadosa, pois a faixa etária era diferenciada, também houveram relatos de brigas de vizinhos. Em uma das turmas havia uma aluna que sofreu violência sexual, a atenção se concentrou nela enquanto os outros alunos falavam, percebeu-se então um olhar triste, no entanto, ela não se manifestou verbalmente em nenhum momento do debate. Após a conversa com o 7º ano foram entregues as pesquisas que os 9º anos realizaram e solicitado uma redação. Alguns alunos realizaram a atividade em dupla, ficou a critério de escolha.

Ao ler as redações percebeu-se uma seqüência da pesquisa do 9º ano, ressaltando a Lei Maria da Penha, o grande número de mulheres que sofrem violência, os problemas de saúde gerados a partir das agressões. Presente também, em várias redações a fala de que a mulher deve ser cuidada, tratada com carinho e respeito. Apenas uma pequena parte dos alunos não opinaram de forma pessoal, preferindo falar apenas sobre dados das pesquisas. Recolhidas as redações foi montado uma exposição no pátio da escola. (Anexo 7)

Após a atividade do 7º ano, as pesquisas foram devolvidas para os alunos do 9º ano, que selecionaram informações e produziram cartazes também no pátio. As outras turmas da escola, 6º e 8º anos foram convidados e acompanhados, pelos professores para leitura dos cartazes e redações expostas no pátio, após esse momento foram promovidas, cada turma com seus professores, discussões e debates em sala de aula.

No ultimo momento da intervenção aconteceu a reunião com duas palestras para os pais, no dia 03/10/13. A participação foi satisfatória, 73 pessoas, entre familiares e alunos, a noite foi muito chuvosa, com tempestade na região, vários alunos justificaram a ausência dos pais por este motivo.

Duas mães expuseram suas experiências, ambas relacionadas à violência por parte do marido alcoólatra. Um momento de grande emoção foi quando o Cabo Silveira realizou uma dinâmica, entregou um bombom para cada pessoa e disse que quem não chorasse ao ver o vídeo poderia comer o chocolate. Ele exibiu um vídeo com imagens de mulheres machucadas, vítimas

de agressões, a emoção foi grande. Também, o Cabo Silveira falou sobre a violência psicológica que gera traumas para toda vida, percebi várias pessoas comentam e concordando com o que estava sendo dito. (Anexo 8 e 9)

Segundo dados do Projeto Gênero, Violência e Direitos Humanos, do Departamento de Medicina Preventiva da USP (2003), intervir em situações de violência não é tarefa exclusiva das esferas jurídica, policial, psicosocial, mas é também da área de saúde, pois há sofrimentos e adoecimentos que acometem as vítimas de violência, alterando sua saúde.

Schraiber e d'Oliveira (1999) consideram que, ainda não é reconhecida e nomeada adequadamente a violência sofrida pelas mulheres, nem pela lei (Brandão, 1996) nem pela medicina, mas que necessita ser reconhecida, e tornar-se objeto de investigação e intervenção.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos inicialmente propostos foram alcançados, a informação, o debate e as discussões levam a conscientização, objetivo norteador da ação de intervenção.

Ao considerar a falta de informação como fator agravante no combate a violência contra a mulher e as conseqüências desta violência para a saúde, foram satisfatórias as discussões realizadas. No decorrer das ações de intervenção várias dúvidas foram esclarecidas.

A participação da família em discussões relevantes da sociedade aproxima a escola da realidade dos alunos, facilitando o entendimento e o desenvolvimento de ações informativas. É com apoio e interesse dos familiares que muitas pessoas superam momentos difíceis e procuram ajuda, admitir que o que está acontecendo em sua vida não está correto, como práticas violentas, é o primeiro passo para uma mulher que sofre com a violência.

A independência financeira de muitas mulheres também se mostra relevante no combate à violência doméstica, aquela que é causada pelo marido ou companheiro, a visão de que a casa é sustentada pelo homem ficou no passado, hoje o relato de muitas mães mostra que elas ajudam na economia



doméstica e algumas vezes são as únicas responsáveis pelo custeio e manutenção da casa.

Nos momentos em que falo-se de saúde, percebe-se o quanto à troca de informações é importante, muitas pessoas não buscam atendimento por não terem conhecimento de seus direitos como cidadãos. Há grande influência dos professores na formação dos alunos, o que os coloca em posição de enfrentamento contra desigualdades e atos violentos.

Considerando a escola como local de elevação de conhecimento e formação de cidadãos conscientes, a realização desse projeto certamente exerceu papel essencial no processo escolar, também possibilitou espaço para que essa discussão se estendesse à família, com o intuito de contribuir para a diminuição da violência contra a mulher e conseqüente melhora na qualidade da saúde.

## 7. REFERÊNCIAS

ADEODATO, V. **Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros.** Revista de Saúde Pública, v 39. 2006. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 11/11/2013.

AZEVEDO, M. **Violência Física Contra a Mulher: Dimensão possível de condição feminina, braço forte do machismo, face oculta da família patriarcal ou efeito perverso da educação diferenciada?** São Paulo, 1985. p 45 – 75.

BOURDIEU, P; PASSERON, J . **A Reprodução – Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino.** Lisboa, Editorial Vega. (1974)

BRANDÃO, E.R. **Nos corredores de uma Delegacia da Mulher: um estudo sobre as mulheres e a violência conjugal.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Medicina Social. UERJ, 1996.

CARTILHA: **O que devem saber os profissionais da saúde para promover os direitos a saúde das mulheres em situação de violência doméstica. projeto gênero, violência e direitos humanos – novas questões para o campo da saúde.** Departamento de medicina preventiva – faculdade de medicina USP. Disponível em [www.fm.usp.br](http://www.fm.usp.br), acesso em 25/11/2013.

**Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher.** 1994. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/legislacao-1/convencoes-internacionais/convencoes-internacionais>. acesso em 17/09/2013.

**Comercial: Campanha violência contra a mulher .** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjzBDIzMymk&hd=1>, acesso em 17/09/2013.

DIAS, B.M. **A impunidade dos delitos domésticos. Palestra proferida no IXcongresso nacional da associação Brasileira das mulheres de carreira jurídica.** Alagoas. Disponível em [www.mariaberenice.com.br](http://www.mariaberenice.com.br).

**Diretrizes Curriculares Da Educação Básica – Secretaria de Educação do Estado do Paraná.** Disponível em: [portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task), acesso em 15/09/2013.

DREZETT, J. **Violência Sexual e Aborto**. Disponível em <http://anidabar.wordpress.com/2012/04/12/violencia-sexual-e-aborto-jefferson-drezett/>, acesso em 15/09/2013.

**Fatores de risco para a saúde da mulher**. Disponível em: [www.leonardof.med.br/2010/03/08](http://www.leonardof.med.br/2010/03/08), acesso em 17/09/2013.

GRUDTNER, D.T. **Violência Intrafamiliar contra a criança e o adolescente: reflexões sobre o cuidado de enfermeiras**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. 2005. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/32861-40838-1-PB.pdf>, acesso em 17/11/2013.

KAWAGVTI, L. **Denúncias de Violência Contra a Mulher Sobem 600% em 6 anos**. Disponível em: [www.bbc.co.uk](http://www.bbc.co.uk). Acesso em 08/03/2013.

KASHAMI, J; ALLAN, W. **The impact of family violence on children and adolescents**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

LEAL, F. A. **Violência contra a mulher, um problema de saúde pública**. 2009. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/?/editoria/direitos-humanos/violencia-contra-a-mulher-um-problema-de-saude-publica/5/15366>, acesso em 15/09/2013.

**LEI nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm), acesso em 15/09/2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Impacto da Violência na Saúde dos Brasileiros**, 2005. Disponível em: [http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/impacto\\_violencia.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/impacto_violencia.pdf). Acesso em 20/11/2013

PORTAL DE NOTÍCIAS. **Senado Aprova Atendimento Imediato e Multidisciplinar a Vítimas de Violência Sexual**. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/07/04/senado-aprova-atendimento-imediato-e-multidisciplinar-a-vitimas-de-violencia-sexual>. Acesso em 15/10/2013.

**PPP: Projeto Político e Pedagógico da Escola Prefeito Djalma Johnsson**, atualização em 2012.

RAFAEL, R.M.R, et al. **Considerações Éticas Sobre Pesquisas com Mulheres em Situação de Violência**. Revista Brasileira de Enfermagem. vol 66 nº 2. Brasília mar / abr 2013.

RENNÓ. J. JR. **Consequência da Violência Sexual Contra a Mulher**. 12/02/2013. Disponível em:

<http://diganaovienciacontramulher.blogspot.com.br/2013/02/consequencia-da-violencia-sexual-contra.html>. Acesso em: 20/11/2013.

**Relatório Nacional da Violência Contra a Mulher.** Disponível em <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getpdf.asp?t=130748&tp=1>, acesso em 15/09/2013.

SANTOS. S, G. **Violência Contra as Mulheres.** Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/abaaabrasae/violencia-contra-as-mulheres>, acesso em 15/09/2013.

SILVA. G.O.C. **Violência Contra as Mulheres: a Lei Maria da Penha e suas Implicações Jurídicas e Sociais em Dourados-ms- 2010.** Disponível em <http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-historia/dissertacoes/dissertacao-de-claudia-melissa-de-o-guimaraes-silva-2>

SCHAIBER, L;D´OLIVEIRA, A,P.L. **Violência contra as Mulheres:interfaces com a saúde. interface – comunicação, saúde e educação.** Botucatu UNI/UNESP, 1999.

TAVARES, C.M.D. **Violência Doméstica: uma questão de saúde pública-2000.** Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/ct/pdf/dinalva.pdf>, acesso em 21/10/2013.

VIEIRA, B. L, et al. **Necessidades Assistenciais de Mulheres que Denunciam na Delegacia de Polícia a Vivência da Violência**· aquichán vol.13 no.2 bogotá maio/ago. 2013. Disponível em [http://www.sci.unal.edu.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s165759972013000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.sci.unal.edu.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s165759972013000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt), acesso em 26/11/2013

**Video cartilha Violencia contra a mulher.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=935jVsUQ\\_Hs](https://www.youtube.com/watch?v=935jVsUQ_Hs), acesso em 17/09/2013

**Violência contra a mulher: o mais incrível vídeo .** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lofmv4t-JQU&hd=1>, acesso em 17/09/2013.

Vídeo: **Mulher é cruelmente espancada pelo namorado.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjzBDIzMymk&hd=1>, acesso em 17/09/2013.

**Violência Doméstica contra as Mulheres e suas Conseqüências.** Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>, acesso em 17/09/2013.

## 8 ANEXOS



Anexo 1: Escola Estadual Prefeito Djalma Johnsson – Colombo –Pr



Anexo 2: Participantes da Palestra no pátio da escola



Anexo 3: Alunos do 9º ano desenvolvendo pesquisas



Anexo 4: Alunos do 9º ano desenvolvendo pesquisas

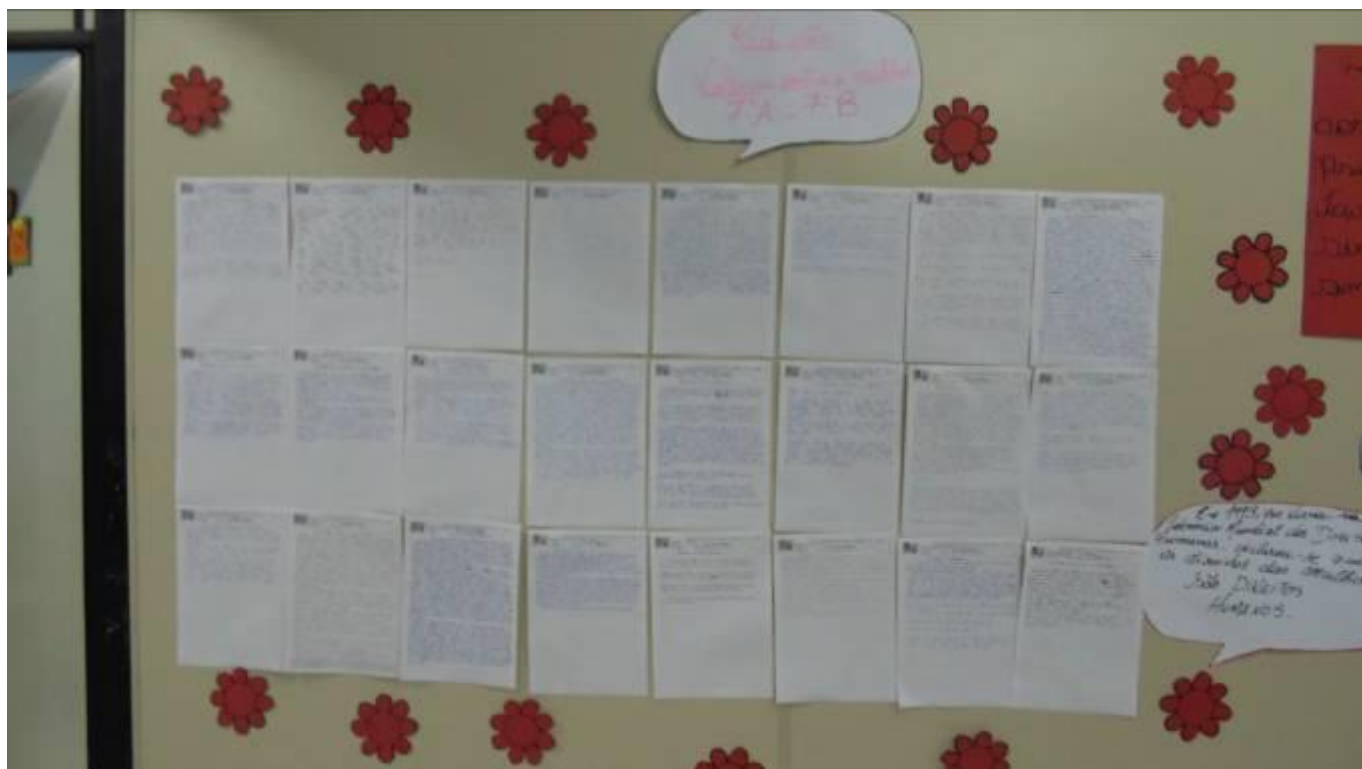




Anexo 5: Alunos do 7º ano lendo pesquisas do 9º ano e escrevendo redações



Anexo 6: Cartazes produzidos pelos 9º anos



Anexo 7: Redações colocadas em edital no pátio da escola



Anexo 8: Primeira palestra com a Professora Maria Micheli





Anexo 9: Segunda palestra com o Cabo Silveria.

Anexo 10: Vídeos do canal Youtube:

- **VIOLENCIA CONTRA A MULHER: O MAIS INCRÍVEL VÍDEO**  
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Lofmv4t-JQU&hd=1>
- **MULHER É CRUELMENTE ESPANACADA PELO NAMORADO**  
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=uj26KKWYJ5M>
- **COMERCIAL: CAMPANHA VIOLENCIA CONTRA A MULHER**  
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=GjzBDIzMymk&hd=1>
- **VIDEO CARTILHA VIOLENCIA CONTRA A MULHER**  
Link: [https://www.youtube.com/watch?v=935jVsUQ\\_Hs](https://www.youtube.com/watch?v=935jVsUQ_Hs)